

Pressão sobre Tesouro

Depois de quatro meses sem vender nenhum título público corrigido pela taxa Selic, o Tesouro Nacional terá de ofertar novamente Letras Financeiras do Tesouro (LFTs) ao mercado. Diante das desconfianças dos investidores sobre a gestão de Guido Mantega à frente do Ministério da Fazenda, bancos e corretoras não querem se arriscar a comprar papéis com taxas de juros prefixadas, temendo prejuízos futuros no caso de o mercado enfrentar grandes oscilações. As LFTs são títulos caríssimos e quase sem risco. Elas acompanham diretamente a variação dos juros, para cima e para baixo. É uma espécie de seguro em tempos de incertezas. "Infelizmente, não restará outra alternativa ao Tesouro", disse o responsável pela área de investimentos de um dos maiores bancos do país.

Anteontem, dia em que Mantega tomou posse, o Tesouro foi obrigado a cancelar seu leilão semanal de títulos, por causa das divergências de taxas pedidas pelo mercado para os papéis prefixados. "Foi um mal-estar danado. O mercado ficou estressado, perdeu o referencial, uma vez que os dois principais comandantes do Tesouro, Joaquim Levy e José Antonio Gragnani, pediram demissão", explicou um operador. O pior, no entanto, foi o fato de os investidores estrangeiros, justamente os que compram papéis de longo prazo com taxas de juros prefixadas, terem perdido dinheiro nos últimos

dias diante da volatilidade provocada pelas incertezas políticas. "Ficou difícil para o Tesouro, pelo menos por enquanto, continuar com a política de mudança no perfil dos títulos da dívida pública", acrescentou.

Colchão de segurança

Em abril, estão previstos vencimentos de R\$ 45,519 bilhões em papéis emitidos pelo governo federal, o correspondente a 4,5% do total da dívida em poder do mercado. Em tempos de normalidade, o Tesouro não teria nenhum problema para refinaranciar esse montante. "Agora o Tesouro terá que dialogar muito com o mercado", destacou outro operador. Para Gustavo Barbeira, analista da Prosper Corretora, para reverter esse quadro o mais rápido possível, Mantega deveria anunciar imediatamente o nome do novo secretário do Tesouro. O mais cotado para o cargo é o economista Carlos Kawall, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Indagado se havia recebido o convite, Kawall negou.

Entre os técnicos do Tesouro, o clima é de cautela. Eles alegam que há um colchão de liquidez confortável para enfrentar momentos de turbulência — cerca de R\$ 80 bilhões. Mas era uma reserva para ultrapassar com tranquilidade o período de eleições, quando o mercado costuma se estressar. "Acreditamos que na próxima semana o mercado estará mais sereno", assinalou um técnico. (VN)